

VOCABULÁRIO FUNDAMENTAL DE GÊNEROS LÍRICOS

Vahram Asdurian Junior (Acadêmico); Profa. Dra. Albertina Vicentini e Alice Maria Araújo Ferreira (Orientadoras). Curso de Letras Inglês. Universidade Católica de Goiás.
Contato: vahramaj@yahoo. br

As teorias estruturalistas para o conceito de equivalência em tradução apresentam em sua formulação problemas teóricos que podem ser expostos da seguinte forma: de acordo com os estudos tradutológicos, segundo um critério semântico-estruturalista, deve-se tentar elucidar algumas questões relevantes como: *a do referente*: dentro desta concepção de tradução a multiplicidade das possibilidades interpretativas que uma mesma quantidade de carga semântica, ou seja, uma palavra, ou unidade de tradução, possa gerar em diferentes referentes é desconsiderada, tal qual Ferdinand de Saussure descartou a inclusão da análise do referente no seu estudo lingüístico. Ou seja, é uma abordagem interna, intrínseca ao sistema lingüístico e suas estruturas. De tal forma, que o tradutor ao realizar o seu trabalho se limita à apreciação das questões textuais sem considerar fatores externos as tais, como o referente. Um tradutor que se proponha a trabalhar segundo a abordagem estruturalista de tradução por vezes acaba por traduzir o referente e não o sentido já que se a tradução for feita efetivamente no sentido essa acaba por levar à intraduzibilidade. O trabalho EQUIVALÊNCIA NA TRADUÇÃO apontou para outras possibilidades de formulação do conceito de equivalência em tradução a partir da teoria da enunciação e análise do discurso, assim como postulados filosóficos que possam promover um alargamento desse conceito. Tomou-se para tal o deslocamento do foco da análise tradutória do sistema lingüístico, no qual a tradução invariavelmente se efetiva, para parâmetros outros, podendo assim se vislumbrar outras camadas deste mesmo fenômeno. Ao se descartar a possibilidade de se traduzir pura e simplesmente o que está efetivado de forma empírica no texto escrito, logo surge a pungência da pergunta: o que se traduz então? Esta pergunta remete à hipótese: não se traduz o dito, mas sim o que se quis dizer, e quando tem-se o “querer dizer”, tem-se o sujeito. Com a consideração da enunciação e não mais apenas do enunciado (tal como apreendido pelas correntes estruturalistas) a lingüística trás para seus estudos a noção de sujeito que aparece no discurso e não no sistema. È a partir da apropriação do sistema que o sujeito se constrói no discurso. O tradutor então traduz o resultado da sua interlocução com o autor, sem contudo, jamais poder apagar completamente o seu caráter de sujeito da tradução. Dessa forma, o tradutor é visto não apenas como transcodificador, mas como um sujeito que lê, interpreta e representa. Essa possibilidade de concepção do tradutor coloca a questão da equivalência em um outro plano que revoga certos preceitos de intraduzibilidade, uma vez que o trabalho deste não é mais a tentativa da reprodução de um discurso em outro código, porém uma transposição do mesmo em outro tempo e espaço.

Palavras-chaves: 1) Equivalência em tradução; 2) Intraduzibilidade; 3) Tradutor; 4) Transposição.

Apoio: BIC/UCG.